

**UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DE UM SOBREVIVENTE DE NAGASAKI:
Akito Tomonaga e as elaborações e reconstituições da memória
A CASE STUDY FROM A NAGASAKI SURVIVOR: Akito Tomonaga,
elaborations and reconstitutions of memory**

Danielle Martins Estevão¹
Fabiane Tais Muzardo²

RESUMO: A relação entre diferentes temporalidades é fundamental na ciência histórica. Ao trabalhar com a memória, trabalhamos com modos como o passado é visto, sentido, revisitado, reelaborado e, também, esquecido ou silenciado. Neste artigo analisaremos, a partir da História Oral, relatos de um sobrevivente do lançamento da bomba de Nagasaki. Akito Tomonaga nasceu no dia 22 de fevereiro de 1937, na cidade de Nagasaki. Em 1955, se mudou para o Brasil. Além das entrevistas, tivemos acesso a um diário que começou a escrever na viagem que o trouxe ao Brasil e a documentos, como seu passaporte. Para esse estudo, foi necessário realizar delimitações sobre a participação do Japão na Segunda Guerra, as mudanças do pós-guerra e o processo de emigração.

Palavras-chave: Memória. História Oral. Segunda Guerra Mundial. Bomba Atômica. Akito Tomonaga.

ABSTRACT: The relationship between different temporalities is a fundamental aspect of historical science. When dealing with memory, we investigate how the past is perceived, experienced, revisited, reworked, and forgotten or silenced. In this article we analyze the testimonies of a Nagasaki bombing survivor based on oral history. Akito Tomonaga was born on 22 February 1937 in Nagasaki and migrated to Brazil in 1955. In addition to the interviews conducted, we had access to a diary he began writing during his journey to Brazil, as well as personal documents, such as his passport. For this study, it was necessary to make thematic selections focusing on Japan's participation in World War II, post-war transformations and the emigration process.

Keywords: Memory. Oral History. Second World War. Atomic Bomb. Akito Tomonaga.

INTRODUÇÃO

Tão importante quanto entender os processos históricos é conhecer os vários métodos utilizados pelos historiadores para a produção do conhecimento histórico. Entre as várias opções, destaca-se a utilização da História Oral e o trabalho com a memória. De acordo com Le Goff (1996), memória é uma propriedade de conservar informações, um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o ser humano pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Neste artigo, analisaremos memórias de um sobrevivente de um dos episódios mais traumáticos da Segunda Guerra

¹ Mestra em História Social (UEL). Docente na Rede Básica de Ensino no Paraná. E-mail: dani_estevao@hotmail.com.

² Doutora em História (UFPR). Docente na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: fabiane.muzardo@uenp.edu.br.

Mundial, o lançamento da bomba atômica de Nagasaki. É interessante destacar que as entrevistas realizadas com esse sobrevivente não são apenas fontes, mas também uma forma de entender seu processo de composição de memórias, segundo a metodologia de Alistair Thomson (1997). Neste processo, constata-se que cada depoente constrói, compõe e organiza suas lembranças a partir de suas experiências pessoais, mas inclui (e exclui) eventos e interpretações que não necessariamente vivenciou, mas que fazem parte de um patrimônio comum ao seu grupo social, profissional, étnico, nacional etc. Sendo assim, é de suma importância entender como as comunidades organizam e reorganizam suas memórias e suas histórias. Com essa metodologia, o depoimento deixa de ser um “comprovante” dos eventos ou mera opinião de um agente histórico, e passa a fazer parte de um conjunto memorialístico construído ao longo do tempo, que elege alguns temas, narrativas e ênfases e omite outras.

1. HISTÓRIA ORAL: perspectivas e desenvolvimentos

A oralidade é um aspecto importante na vida dos seres humanos, pois está ligada diretamente ao processo de comunicação, desenvolvimento da linguagem e cultura. Em muitas sociedades, as transmissões das tradições eram e ainda são feitas oralmente. Segundo Marieta Ferreira e Janaina Amado (1996), a História passou a interessar-se pela oralidade na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas. No Brasil, a História Oral foi introduzida nos anos 1970, mas sua maior expansão ocorreu no início dos anos 1990. Fazer História Oral não é simplesmente gravar entrevistas a partir de algumas perguntas pré-elaboradas. Segundo Alberti (2004), História Oral é um método de pesquisa, um meio de investigação e conhecimento.

A relação entre História Oral e memória é intrínseca. De acordo com Halbwachs (1990), a memória deve ser entendida não só como um fenômeno individual, mas também como um fenômeno coletivo e social, sendo passível de transformações e constantes mudanças. Dessa maneira, a memória não é “pura”. Ela é resultado do momento histórico e das pessoas que fazem parte da nossa vida. Além disso, a memória pode ser seletiva, ou seja, selecionar o que deseja e desprezar aquilo que não convém em determinadas situações e contextos. Sendo assim, pode-se lembrar de episódios de modo bem diferente de outras

peessoas que também os vivenciaram. Dessa forma, cabe ao historiador contrabalançar os depoimentos com outros documentos e obras que relatam o período.

Elisa Ichikawa e Lucy dos Santos (2003) destacam que, com a criação de novas tecnologias de imagem e som desenvolvidas na primeira metade do século XX, foi possível propor novas formas de realizar entrevistas, impulsionando o desenvolvimento da História Oral. Essas novas tecnologias, associadas ao uso da História Oral, ampliaram o estudo sobre a Segunda Guerra Mundial através dos relatos das testemunhas que participaram desse conflito. Além disso, esse tema desperta o interesse tanto de pesquisadores quanto de leitores.

A Segunda Guerra Mundial foi um divisor de águas na história e na historiografia do século XX. Seu impacto global, as suas causas, seu desenvolvimento, as consequências que legou, direta ou indiretamente, para a população civil e para os combatentes, são objetos de intenso debate em todo o mundo. Mais que nenhuma outra, essa guerra ocupa espaço privilegiado na indústria editorial, no cinema ficcional e documental, na cultura popular. Por décadas, seus combatentes-sobreviventes, bem como os cidadãos da população civil, têm expressado e transmitido para a posteridade, de forma oral ou escrita, suas memórias (Ferraz, 2016, p.209).

2. AS MEMÓRIAS DE AKITO TOMONAGA

Akito Tomonaga nasceu no dia 22 de fevereiro de 1937, na cidade de Nagasaki. Filho mais novo de uma família de agricultores da região, Akito vivenciou a participação do seu país na Segunda Guerra Mundial. Apesar da pouca idade, Tomonaga tem muitas recordações do período, entre elas a participação dos irmãos mais velhos no conflito, os relatos familiares da política expansionista japonesa e o lançamento da bomba atômica na sua cidade natal. Para a realização desta pesquisa, foram realizadas diversas entrevistas durante os anos de 2019 e 2020 com Tomonaga. Na primeira entrevista, Tomonaga falou livremente sobre temas diversos que compõem suas memórias, principalmente sua infância no Japão. Da segunda entrevista em diante, seguimos um roteiro de perguntas, buscando compreender diferentes percepções acerca de sua infância, o contexto da guerra e sua vinda para o Brasil. As primeiras perguntas foram direcionadas para o dia do lançamento da bomba e para suas impressões a respeito da Segunda Guerra Mundial. As demais deram ênfase à viagem e ao período em que se estabeleceu no Brasil. Uma entrevista foi direcionada para a tradução simultânea de um diário escrito pelo depoente quando iniciou sua viagem

para nosso país. Cabe ressaltar que as entrevistas foram sempre em português e contaram com a mediação, em caso de necessidade, dos netos e da filha mais nova, Mayumi Tomonaga. Ao estudar sua história, não só estaremos analisando os relatos de um imigrante, como também a visão de um sobrevivente da bomba atômica, que vive atualmente na cidade Londrina, interior do Paraná; e que pode contribuir para melhor compreender como uma comunidade rural do Japão vivenciou a Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra.

De acordo com seus relatos, Tomonaga nunca passou fome no período da Segunda Guerra Mundial, isso porque sua família produzia o necessário para viver. No entanto, no que diz respeito ao pós-guerra, ele descreve que foram momentos mais difíceis, mesmo com a ajuda de custo do governo devido à morte do seu irmão mais velho na guerra. Ele destaca que seus pais detinham quase um alqueire de terra, um dos maiores do município, pois, de acordo com o Akito, isso era o máximo de terra que poderia ser adquirido. Com relação a essas lembranças, alguns apontamentos são necessários. O fato de se lembrar que não passou fome provavelmente tem ligação com sua idade, uma vez que no lançamento da bomba, em 1945, ele estava com 8 anos, e, quando crianças, raramente ficamos atentos às questões políticas, econômicas ou traumas de guerra. O que não significa dizer que crianças passam ilesas por contextos de conflito, ainda mais dessa magnitude. No que diz respeito à quantidade de terra, sabe-se que antes da guerra existiam grandes lotes de terra no Japão, sendo que somente a partir do final da década de 1940 ocorreu uma reforma agrária³ que acabou com os arrendamentos e as propriedades passaram a ter limite de um hectare, através da limitação da compra e venda de terrenos (Carvalho, 1999).

A Guerra no Pacífico pode ser dividida em duas partes: a primeira, de 1937 a 1942, marcada pelas conquistas e vitórias japonesas; e a segunda, de 1943 a 1945, representada pelo avanço da aviação e marinha estadunidense e, conseqüentemente, pelo declínio das tropas nipônicas. Com os constantes ataques, muitos japoneses passaram a se alistar voluntariamente. Segundo Akito, seus dois irmãos mais velhos fizeram parte desses jovens. Ambos foram para a guerra. O primogênito foi morto em combate e o outro ficou preso por quatro anos em um campo de concentração russo. Os bombardeios ao território japonês ficaram mais intensos a partir de 1944 e os alvos principais foram o setor de transportes -

³ De acordo com Veiga (1991), a reforma agrária no Japão envolveu, principalmente, a desapropriação de mais de um terço da área agrícola e a transferência de mais de 90% dessa área para agricultores sem terra ou com pouca terra. Ao todo, mais de 4 milhões de famílias de agricultores foram beneficiadas pelo programa.

rodoviário e ferroviário; e as regiões litorâneas, principalmente as que possuíam indústrias. Em consequência disso, houve dificuldade de obtenção de matérias primas para a produção civil, nacional e militar, além de prejuízos na pesca e na frota marítima, levando a população a uma série de restrições, tornando a fome uma realidade de boa parte da população, sobretudo as que viviam nas cidades (Mello, 2003). As restrições e os constantes ataques não levaram à rendição japonesa. No início de 1945, o príncipe Konoe Fumimaro⁴ tentou aconselhar o Imperador a abdicar do trono e assinar a rendição do Japão, mas, diante da pressão do exército e recusa do imperador Hirohito,⁵ os ataques aumentaram exponencialmente. Para os japoneses, a condição de se entregar ao inimigo, como prisioneiro de guerra, era uma vergonha. Phillipe Masson, em seu livro, “A Segunda Guerra Mundial” (2010), ressalta como o soldado japonês é disciplinado e devoto ao Imperador.

O sistema de educação e todo um conjunto de crenças lhe permitem dominar suas impressões e desenvolver no mais alto grau seu ardor combativo. Oficiais e soldados são submetidos às regras do código de Bushido⁶, que assimila a rendição a uma desonra. Num esforço constante, numa ascese permanente, o guerreiro deve adquirir o hara, a virtude que lhe permite enfrentar a morte e penetrar no mundo das divindades. O espírito deve dominar o corpo. Todos os soldados japoneses estão convencidos de serem seguidos pelas sombras de seus companheiros caídos em combate. Em alguns momentos, essas sombras aparecem para desvanecer-se se o inimigo abre fogo (Masson, 2010, p. 364).

É importante ressaltar que essa obediência cega ao imperador e ao código *bushido* foi algo construído socialmente. Durante o período feudal, o *bushido* tinha como objetivo regular e sustentar o sistema de vassalagem, refletindo os valores da classe samurai. Com a modernização da sociedade japonesa, seus princípios passaram a ser promovidos como um exemplo a ser adotado por toda a população. Associado a isso, na década de 1930 começou

⁴ Konoe Fumimaro (1891 - 1945) foi um líder político e primeiro-ministro do Japão entre 1937-1941. Nasceu na principal das cinco famílias dentre as quais eram escolhidos regentes e chanceleres (Encyclopedia Britannica, 2024).

⁵ Michinomiya Hirohito foi o 124º imperador do Japão, reinando de dezembro de 1926 até sua morte, em 1989. O início do seu governo ficou marcado pelo expansionismo japonês e pela participação na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ao lado da Alemanha nazista e da Itália fascista (Encyclopedia Britannica, 2024).

⁶ De acordo com Figueiredo (2019), a classe guerreira do Japão feudal, conhecida como samurai (ou *bushi*), criou um código de ética e conduta, seguido e vivido pelos guerreiros, conhecido como *bushido*. Os preceitos defendidos pelo código são: justiça, moralidade, coragem, compaixão, polidez, cortesia, sinceridade, honra, dever e lealdade. Para o samurai, morrer em uma batalha significa honrar o nome de sua família e de seus ancestrais e, dessa forma, a falha do guerreiro significa a maior desonra, não restando outra escolha senão cometer o suicídio, conhecido como *seppuku*, ou suicídio ventral.

a ser ensinado que o Imperador era um deus manifesto, o que não significa que era onisciente nem onipotente, mas que manifestava algumas qualidades de natureza divina. Devido a isso, se construiu a ideia, entre os japoneses, que o imperador deveria ser obedecido e adorado como um deus, ainda que não o fosse propriamente. Contudo, vale ressaltar que a sociedade japonesa vivenciou um conjunto de revoltas e movimentos de esquerda, o que evidencia que essa obediência não era seguida por todos e nem era inerente à população japonesa (Figueiredo, 2019).

Quando questionado sobre esse código, Akito disse inicialmente que não o conhecia. Porém, depois que foi explicado o seu significado, lhe veio à memória as histórias dos antigos samurais e quando seu irmão mais velho, ao se alistar para a guerra, recebeu junto com o uniforme uma bomba que deveria ser utilizada caso ocorresse a possibilidade de rendição. Nesse caso, o soldado gritaria *banzai*⁷ e depois explodiria a bomba, cometendo suicídio. Akito Tomonaga também relata que, de acordo com suas memórias, no dia do lançamento da bomba nenhuma sirene de aviso foi tocada, como acontecia toda vez que se avistava um avião inimigo. Além desse fato, Akito tem várias lembranças desse dia. Ele relata que estava na escola quando tudo aconteceu. A escola se localizava na área rural de Nagasaki, distante cerca de 40 km da cidade. Segundo Tomonaga, o dia estava ensolarado e o clima muito quente, uma característica típica do mês de agosto. Depois ele descreveu que todos que estavam na sala de aula foram surpreendidos com o clarão e a nuvem que se formou. Sem saber o que estava acontecendo, ele obedeceu a ordem da professora e retornou para casa. No caminho, Tomonaga disse que viu o dia ficar nublado e surgir uma nuvem escura. Ao chegar em casa, descobriu que seus parentes e vizinhos também não sabiam do que se tratava, pois ninguém tinha acesso ao ocorrido. Seu tio tentou ir até Nagasaki para ver o que estava acontecendo. Segundo Tomonaga, ao retornar, o semblante de seu tio era de uma pessoa apavorada que acreditava ser o fim do mundo, pois “só havia ruínas e cadáveres por toda parte” (Tomonaga, 2019).

Dias depois do ocorrido, o imperador Hirohito, junto com os líderes militares e políticos, informou sua determinação em terminar a guerra. Na manhã do dia 15 de agosto de

⁷ De acordo com Sakurai (2007), *banzai* é uma interjeição da língua japonesa que significa "dez mil anos". Pode ser usada de algumas formas: para congratular uma pessoa, desejando que ela tenha uma longa vida e próspera; ou como um grito patriótico ou grito de guerra em conflitos armados. Na Segunda Guerra Mundial está associado à prática de ações desesperadas, como os suicídios, incluindo os ataques dos aviadores militares japoneses, conhecidos como *kamikazes*.

1945, o imperador quebrou o protocolo e, dirigindo-se pessoalmente ao seu povo, fez uma transmissão radiofônica para todo país: “Nós vos incumbimos, vós, nossos leais súditos, de executar lealmente nossa vontade. Cessem as hostilidades” (Mello, 2003, p.2). Em seus relatos, Akito disse não ter escutado o pronunciamento do Imperador, mas se recorda dos comentários feitos entre seus familiares mais velhos, que aceitaram as orientações do Imperador sem qualquer tipo de contestação. Akito, sua família e vizinhos ficaram bem devido à distância do epicentro da bomba e ao território montanhoso. Ali ninguém morreu com o ataque nem sofreu os efeitos da radiação. Alguns parentes distantes de Akito, no entanto, morreram no ataque a Nagasaki. Sobre isso, ao ser questionado sobre a responsabilidade do Imperador pelo que havia acontecido ao povo japonês, sua resposta foi direta:

Não! O imperador sabia o que estava fazendo, a expansão era boa para o país, mas, infelizmente não deu certo. Cabe ao povo reconstruir a nação e não ficar reclamando e lamentando pelo que aconteceu no passado, deve-se olhar para frente, para o futuro (Tomonaga, 2019).

Sabemos que os impactos das bombas atômicas foram incalculáveis. Além das milhares de vidas perdidas, o Japão, na figura de Hirohito e de um grupo de políticos, aceitou a Declaração de Potsdam, que tinha por princípio a rendição total, algo que provavelmente mudaria o cenário político, social e econômico do país. Diante dessa situação, a memória pode sofrer distorções, dificultando a busca pelo testemunho integral, ou seja, como realmente o depoente vivenciou e assimilou o fato. Nakagawa, por exemplo, entrevistou vários sobreviventes de Hiroshima e apresenta preocupação com esse assunto.

Essas questões representam a problemática que circunscreve as testemunhas das catástrofes históricas. Ao mesmo tempo em que há a reivindicação da verdade sem distorções para que haja um registro da memória na luta contra o esquecimento das barbaridades cometidas pelo homem, há a impossibilidade de transmitir uma experiência insuportável, que ultrapassa os limites do pensar (Nakagawa, 2014, p.142).

Ainda sobre a vivência traumática, Seligmann-Silva (2008) afirma que a vítima sempre dará um testemunho parcial, pois ao lembrar da experiência de horror a que foi submetida, não conseguirá transmitir tal qual aconteceu. Isso porque os detalhes que compõem a cena, como os corpos mutilados, pessoas desfiguradas e choros de desespero,

mesmo com o auxílio de uma descrição minuciosamente detalhada e viva, são de impossível visualização. Essa questão permeia os depoimentos dos *hibakushas*⁸. Como relatar na íntegra o que vivenciaram? Esse é o caso de Akito. Mesmo relatando não ter visitado o centro de Nagasaki após a bomba, existem momentos em seu depoimento em que é nítido que ele deseja responder rapidamente e mudar de assunto, na maioria das vezes contando alguma experiência vivida no Brasil. Cabe ressaltar que Tomonaga nunca se recusou a responder, mas demonstrava um interesse maior nos relatos das últimas décadas no Brasil.

Sendo assim, é possível compreender que os relatos apresentados pelas testemunhas dificilmente serão devidamente reproduzidos pelas vítimas ou por quem as ouve. A vítima dificilmente consegue contar sua própria história de forma completa, pois primeiro ela precisa articulá-la, digeri-la e reproduzi-la para poder contá-la plenamente (Nakagawa, 2014). No que diz respeito a composição da memória, constata-se que cada depoente constrói, compõe e organiza suas lembranças a partir de suas experiências pessoais, mas inclui (e exclui) eventos e interpretações que não necessariamente vivenciou, que fazem parte de um patrimônio comum ao seu grupo social, profissional, étnico, nacional etc. Nesse sentido, tão importante quanto entender os processos históricos é entender como as comunidades organizam e reorganizam suas memórias e suas histórias (Thomson, 1997). Igarashi (2011) reconhece a subjetividade da memória e acredita que, mesmo que o depoente não tenha vivido o fato, ele é importante para compreender a sua formação e as influências deixadas por ele.

As memórias dos eventos passados podem ser completamente subjetivas, mas, elas existem como realidades íntimas e inerentes de seus contempladores. Mesmo tendo bases factuais ou não (pode-se ter memórias de um evento mesmo sem tê-lo sentido na pele), é ainda um fato que essas memórias aconteceram e tiveram impacto em vidas individuais (Igarashi, 2011, p.23).

Akito era o filho mais jovem e, segundo ele mesmo, não gostava de estudar. Por isso foi orientado pelo pai a procurar um país para recomeçar a vida e trabalhar. Foi neste momento que o Brasil entrou em cena, por dois motivos: ser um grande país, territorialmente falando; e pelos Estados Unidos estarem recusando imigrantes japoneses naquele momento. Tomonaga conta que não foi fácil se despedir da família, uma vez que ele

⁸ Termo utilizado para se referir as pessoas que sobreviveram às bombas atômicas.

acreditava que nunca mais os encontraria. Seus relatos sobre a viagem e os primeiros anos no Brasil descrevem a insegurança de como seria sua vida no novo país, as dificuldades com o novo idioma e com a alimentação e, principalmente, as diferenças culturais, fazendo com que, muitas vezes, desejasse retornar ao Japão. Tomonaga veio para o Brasil em 1955. Para ele, a participação do Japão na Segunda Guerra Mundial fez com que muitas famílias passassem por dificuldades, inclusive a dele, e isso foi um dos principais motivos para a vinda dele e de muitos imigrantes para o Brasil.

Quando caiu a bomba de Hiroshima e Nagasaki o Imperador decretou, vamos parar com a guerra. Aí parou. O país estava esgotado, não tinha nada, não tinha serviço, comida, dinheiro. Então todas as famílias, passavam por dificuldades para viver. Gastou, gastou, gastou na guerra e o país inteiro não tinha mais condições. Como minha família era grande, 8 pessoas, 6 homens, e eu o caçula, eu tinha que sair, ir para Nagasaki, Tóquio, algum lugar eu tinha que sair. A partir da Segunda Guerra a imigração japonesa, vinha para cá. Antes da guerra já estavam imigrando bastante, a segunda Imigração começou em 1954, e começou a vir, vir, vir, aí eu também vim aqui para o Brasil em 1955. Eu tinha 18 anos (Tomonaga, 2019).

A maioria das viagens destinadas aos emigrantes saíam do porto da cidade de Kōbe, na província de Hyogo. Com a Lei de Incentivo à Emigração, foi construída sobre uma colina, em março de 1928, a Hospedaria Nacional dos Emigrantes Ultramarinos de Kōbe, cujo objetivo era hospedar de forma gratuita os emigrantes, por até dez dias antes da viagem. Enquanto ficavam confinados na hospedaria, eles tomavam vacina, assistiam palestras e tinham aulas de idiomas. Para Ichikawa e Santos (2008), a hospedaria era mais que um lugar de preparo, lá era onde tudo começava, onde as pessoas criavam as expectativas da viagem. Tomonaga contou que antes de partir ganhou de presente da irmã um diário para anotar tudo sobre sua viagem. Ela escreveu uma dedicatória: “O que dizer para o meu irmão: caminhe direito na vida, trabalhe bastante para ser feliz e ter saúde e escrever o diário” (Diário de Tomonaga, 1955). Segundo Tomonaga, ele saiu dia 10 de setembro de sua casa. A despedida dos seus pais foi ali mesmo, uma vez que eles não poderiam acompanhá-lo até o embarque. Antes de ir, seu pai lhe disse: “Você vai para outro país, mas se você pegar dinheiro sujo, roubar, você não é mais um Tomonaga, você não pode mais voltar pra minha casa. Tem que ser honesto, trabalhar certo, sem ter dinheiro sujo” (Tomonaga, 2020).

As orientações do pai de Akito representam uma característica marcante da sociedade japonesa. Os imigrantes mantêm suas tradições e valores ao se deslocarem para novos países. Ao reproduzirem aspectos da cultura japonesa, como a honra e o código de valores, eles buscam preservar sua identidade em meio a um novo ambiente. Essa dinâmica é comum em muitos grupos migratórios, em que a familiaridade cultural serve como um ponto de referência e segurança em um contexto desconhecido. A transição para um novo país pode gerar um diálogo entre a cultura de origem e a cultura do local de destino, resultando em uma rica interculturalidade (Sakurai, 2000).



Figura 1 - Akito Tomonaga segurando seu diário de viagem.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 2 - Akito Tomonaga com a mala que trouxe na viagem.
Fonte: Acervo pessoal.

Nessa hospedaria, Akito declarou que começou a estudar o português com um professor. Apenas no dia em que ele ia embarcar para o Brasil, um de seus irmãos tirou licença do banco em que trabalhava e foi encontrá-lo. Eles almoçaram juntos. Akito disse que pode pedir o que quisesse, “até coca-cola” (Tomonaga, 2020). Na hora de se despedirem, seu irmão lhe aconselhou “Você pode fumar⁹, beber, o que você pensar no Brasil, faça tudo, beba, fume, trabalhe, faça tudo! Boa viagem!” (Tomonaga, 2020). De acordo com Cardoso (2019), a viagem durava aproximadamente dois meses e, por ser um navio de carga usado para transportar passageiros, as acomodações não tinham conforto. Tomonaga descreve a viagem como cansativa, sem conforto, com uma comida razoável e muito demorada e ainda conta alguns percalços enfrentados.

Quando o navio Tjisadane estava zarpando, soltaram serpentinas, não como comemoração, mas como despedida. Depois que saímos de Kōbe, fizemos uma parada em Hong Kong. Na sequência paramos em Singapura, lá foi uma semana carregando e descarregando produtos, e uma coisa que me marcou foi o carregamento de borrachas, em formato de quadrado, tipo container. Quanto ao navio, ele era grande, mas o espaço que a gente ficava era pequeno, tinha apenas beliches, não era confortável. A comida era tailandesa, não sofri muito pois era um pouco parecida com o que nós comíamos, a única coisa

⁹ Segundo Akito, a questão do cigarro se deve ao fato do irmão ter descoberto que Tomonaga estava fumando escondido do pai.

que estranhei era que a tripulação comia com as mãos, não usavam talheres. Quando passamos perto da Índia pegamos uma tempestade por um dia, as ondas eram enormes, deu um pouco de medo. Na sequência fomos para Madagascar, paramos por dois dias para reabastecer. Aí atravessamos do hemisfério norte para o sul, e quando isso acontecia no navio eles faziam festa, com comida diferente. Depois fomos para África, e ficamos atracados por cinco dias na Cidade do Cabo, conhecemos onde Vasco da Gama passou. Da cidade do Cabo foram onze dias até o Rio de Janeiro. Quando chegou no Rio, a tripulação falou pra gente, aqui é Brasil. Eu e mais 4 rapazes descemos para almoçar e conhecer o Rio. não sabíamos falar português, então decidimos escolher a comida pela foto no cardápio, eu escolhi carne com batata. Ao retornar para o porto o taxista não entendeu o que a gente tinha falado e nos levou para o aeroporto. Com medo de que ele não entendesse de novo, decidimos desenhar um barco para mostrar que era o porto. Do Rio fomos para Santos, onde meu tio (irmão do meu pai), que tinha vindo para o Brasil antes da guerra, me esperava (Tomonaga, 2020).

No Museu da Imigração do Estado de São Paulo, conseguimos ter acesso à Lista de bordo do navio Tjisadane. Nesse documento é possível confirmar a presença de Akito, sua profissão, religião, o fato de estar sozinho no navio, a data e o local de sua chegada. Akito guardou seu primeiro passaporte. Nele, conseguimos ter acesso ao dia de sua viagem, as cidades que passou e a aprovação do governo brasileiro, a partir do carimbo de entrada.



Figura 3 – Passaporte de Akito Tomonaga.
Fonte: Acervo pessoal.

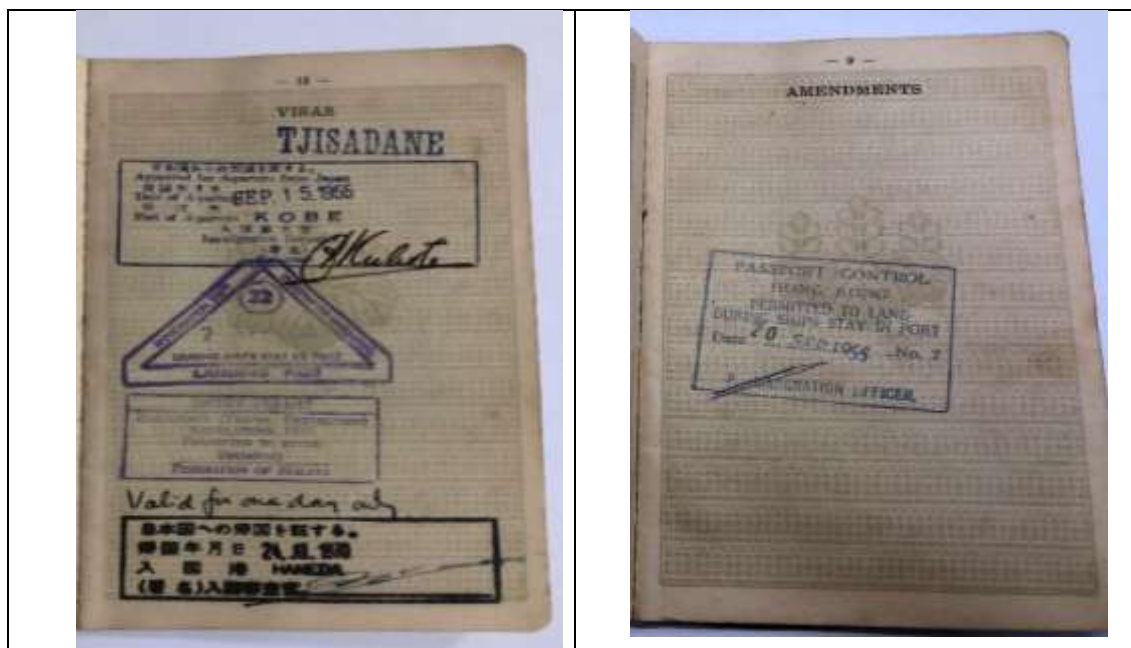


Figura 4 – Visto de saída do Japão e visto de entrada em Hong Kong.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 5 - Visto de entrada no Brasil.
Fonte: Acervo pessoal.

Para muitos imigrantes as expectativas eram grandes, em razão da ideia de que haveria um enriquecimento rápido e fácil, e que isso possibilitaria o retorno para o Japão em pouco tempo. Para outros, era um pouco diferente, desejavam alcançar seus objetivos,

mesmo que fosse dentro de um considerável tempo, mas que no fim pudessem criar suas raízes por meio de gerações de descendentes (Almeida, 2004). Akito se encaixava no segundo grupo. De acordo com seus relatos, ele nunca pensou que pudesse voltar para o Japão. Quando se despediu dos pais e irmãos, ele acreditava ser a última vez que os veria. Assim, quando veio para o Brasil, desejava formar uma família, conquistar 10 alqueires de terras e fincar raízes nesse novo país. No entanto, independentemente de qual objetivo, as dificuldades de adaptação enfrentadas no início foram as mesmas: idioma, alimentação, costumes e um cotidiano de trabalhos exaustivos.

[...] para os imigrantes, as condições de trabalho encontradas foram desanimadoras e as dificuldades de adaptação foram grandes, visto que eram fisicamente muito diferentes, tinham dificuldades com a comunicação e também não se acostumavam com a comida brasileira. Além disso, não conheciam direito o trabalho na lavoura, que era pesado demais e as condições de moradia e saneamento eram por demais precárias, não foram raras as epidemias entre a comunidade. Outro problema foram as crises econômicas que fizeram com que muitas das promessas de dinheiro fácil não fossem cumpridas gerando revoltas entre os imigrantes (Tanaka, 2014, p. 38).

Ao chegar ao Brasil, os trabalhadores se deparavam com uma realidade bem diferente daquela sonhada. Akito descreve o percurso e as primeiras impressões que teve do sítio de seu tio, localizado nos arredores da cidade de Jangada, no interior do Mato Grosso. Akito destaca que o caminho para esse sítio era de estrada de chão. A casa não tinha energia elétrica. Durante a noite, se precisassem ir para algum lugar, ele relata que pegavam uma latinha, colocavam querosene e acendiam. Uma realidade muito diferente da que tinha vivido no Japão, onde ressaltou que ele já “tinha energia, lâmpada, rádio, enquanto aqui não tinha nada” (Tomonaga, 2020). Tomonaga destaca o espanto ao ver o lugar em que iria dormir, pois nunca tinha visto uma cama assim. Segundo Akito, no Japão era um tatame: quando iam dormir, colocavam no chão, dormiam e no dia seguinte guardavam no armário. Aqui a cama era de madeira, rústica e em um quarto só para ele.

A cama era de milho, quando secava, eles tiravam a palha e colocavam no colchão, ficando bem grosso. Mas quando a gente sentava, fazia um barulho, quando virava de lado também fazia barulho. Chorei a noite inteira, não conseguia dormir. Apesar de ser um travesseiro novo, uma cama nova, era tudo diferente. As lágrimas caíam no travesseiro e faziam barulho, e durante a noite inteira escutei esse som. Só não voltei para o Japão por falta de dinheiro (Tomonaga, 2020).

Quanto ao trabalho, Akito conta que nunca tinha trabalhado com uma enxada com cabo comprido, para carpir o cafezal. De acordo com ele, era um trabalho pesado, que levava o dia inteiro e para tomar água tinha que puxar do poço. Tomonaga descreveu que as camisas que usava eram feitas com sacos de farinha e açúcar e, além de ser grossa, tinha que usar a mesma camisa uma semana. “Era tanto suor que a camisa ficava mais pesada” (Tomonaga, 2020). Todas essas dificuldades e diferenças culturais e tecnológicas faziam com que muitos japoneses passassem a comparar a vida que tinham no Japão com a vida que tinham aqui. Foi nesse momento que alguns imigrantes começaram a se achar superiores, como se fossem representantes do progresso, enquanto os brasileiros e o Brasil seriam a personificação do atraso:

[...] enquanto caracterizava o Japão como mais avançado pelos “costumes” e pelas “civilizações seculares”, descrevia o Brasil como primitivo e em construção. Consideramos essa afirmação como um discurso do pioneiro, colocando o imigrante como pioneiro e central na desenvoltura das regiões “inóspitas”. O discurso pioneiro propaga o ideário de progresso, ou seja, o pioneiro era o empreendedor liberal, em marcha para o Oeste, construindo através do seu trabalho o Eldorado, a terra do progresso, caracterizada como a [...] região que oferece a todos as mesmas oportunidades de acesso à propriedade privada da terra, à liberdade econômica e política, à prosperidade e à felicidade’ (Arias Neto, 1995, p. 75) (Ueno, 2020, p.19-20).

Além do contraste tecnológico, havia o choque cultural, com destaque para a alimentação. Sabe-se que a alimentação está intimamente vinculada a identidades, entendida como “[...] espaços privilegiados para apreender determinados processos, através dos quais os grupos sociais marcam sua distinção, se reconhecem e se veem reconhecidos. Em outros termos, as maneiras pelas quais constroem suas identidades sociais” (Maciel, 2005, p. 49). Para Akito, a comida brasileira era muito temperada e com cheiro muito forte. Ele relatou que não conseguia comer alimentos como manga, mamão, linguiça e queijo. Tomonaga nos contou que sua primeira experiência desagradável com alimentos ocorreu numa viagem de São Paulo para o sítio no interior, quando seu tio lhe deu um sanduíche de mortadela. Akito nunca tinha comido mortadela. Quando foi dar uma mordida sentiu um cheiro e pensou “isso não dá pra comer” (Tomonaga, 2020). Em seguida, conta que abriu o pão e adicionou geleia, mesmo assim, o cheiro permaneceu. No fim, ele só comeu a casca do pão. Akito também relata que a alimentação foi uma questão de adaptação. A princípio ele só comia arroz, salada e verdura. Conforme foi se acostumando com o cheiro, passou a

experimentar outros tipos de alimentos, que depois ele até achava gostoso. Quando questionado se hoje ele gosta de mortadela ele respondeu:

Gosto. Gosto de mortadela, gosto de um porquinho frito, de um churrasco. Tanto que, quando voltei para o Japão pedi para meu irmão ir buscar uns filetes de bambu; coloquei a carne neles e depois ensinei como era um churrasco no Brasil (Tomonaga, 2020).

Falas como essa evidenciam que a cultura brasileira se disseminou entre os imigrantes japoneses. No trabalho, na vida pessoal, nos hábitos do dia a dia, na alimentação, favorecendo assim o processo de adaptação (Almeida, 2004). Mesmo diante das dificuldades, Akito seguiu tentando realizar seu sonho de adquirir 10 alqueires. Assim, ele nos contou que trabalhou neste sítio com o tio nos dois primeiros anos. Depois, com a liberação de lotes por Getúlio Vargas, ele e o primo mais velho foram para a cidade de Dourados. Nos contou que no começo os dois queimaram panela tentando fazer comida e tiveram que aprender a lavar roupa. No entanto, ainda havia mais uma dificuldade a ser superada: o idioma. Segundo Akito, ele queria estudar, precisava aprender português, e a solução foi começar a participar das aulas numa escola perto do sítio vizinho. Procurou a professora, que se chamava Aparecida.

Eu não lembro como eu pedi para aprender português, mas eu só podia estudar de noite, depois da janta porque de dia eu precisava trabalhar. Até ter essa professora que possuía um jeito de ensinar diferente: ela pegava no meu braço e mandava “entra, entra, entra” e quando entrava “entrou” para ficar mais fácil de aprender. Depois ela puxava a cadeira e falava “cadeira” e “senta, senta, senta” aí eu sentava “você sentou”. O jeito dela ensinar era mostrando. Então ela sempre falava “quando um brasileiro fala bom dia, você responde bom dia” e falava pra eu repetir (Tomonaga, 2020).

Tempos depois, toda a família do tio se mudou para Dourados e foi nesse momento que ele começou a namorar sua prima, Saeko Tomonaga. Depois de cinco anos trabalhando com o seu primo nas terras do tio, Akito contou que conheceu o tio de sua namorada, que trabalhava no Paraná. Ele lhe disse que tinha trator e o convidou para “plantar batatinha no Paraná” (Tomonaga, 2020). Foi assim que Tomonaga se mudou, afinal, como ele mesmo disse, esse “tio tinha trator, não dava para perder a oportunidade” (Tomonaga, 2020). Quando Akito se estabilizou no Paraná, decidiu que iria se casar. Antes precisava pedir autorização dos seus pais, uma vez que eles eram primos de primeiro grau. Naquela época a

comunicação era feita por carta, o que levava cerca de 45 dias para se concretizar. Ele aguardou a resposta, que foi: “Pode casar, tenho absoluta certeza que seus filhos¹⁰ nascerão mais inteligentes que você” (Tomonaga, 2020).



Figura 6 – Foto do casamento entre Akito e Saeko.
Fonte: Acero pessoal

A questão do casamento é outro exemplo da tradição japonesa. O casamento somente entre japoneses era exigido até mesmo dentro das colônias no Brasil, o contrário era absolutamente reprovável pela maioria dos imigrantes. Contudo, o casamento fora da comunidade tornou-se um fato comum, mesmo que no início tenha sido priorizada a união entre parentes (Almeida, 2004). Todavia, de acordo com Akito, seu casamento com a prima não foi uma questão cultural. Ele alega que vivia para o trabalho, convivia apenas com os

¹⁰ Eles tiveram quatro filhos e todos nasceram saudáveis.

parentes e acabou se apaixonando pela esposa. Ele também alegou que era difícil sair da fazenda e ir para outros lugares. Depois de trabalhar por quatro anos para o tio da esposa, Akito tornou-se administrador da fazenda. Entretanto, Tomonaga ainda desejava ser proprietário de terra. Para isso, segundo ele, era necessário tirar a cidadania brasileira, o que conseguiu no ano de 1974, quando o Ministério da Justiça concedeu sua naturalização.

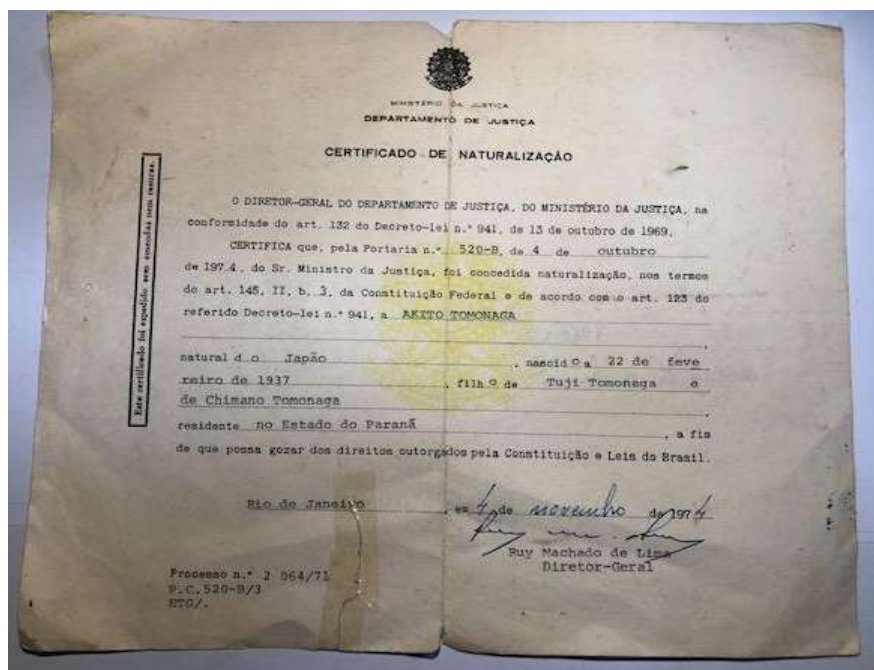


Figura 7 – Certificado de naturalização de Akito.
Fonte: Acervo pessoal.

Todavia, o problema do idioma permanecia, pois uma coisa era lidar com as pessoas no dia a dia, outra era ir ao banco ou ao cartório.

Quando eu ia ao banco, não podia falar que não entendia, era chato né? Então eu falava "tá bom, tá bom", mas só entendia metade. O banco pedia pra trazer certidão de não sei o que, e eu não entendia bem. Como iria fazer um financiamento sem saber o idioma. Eu não tinha capital nenhum, então eu pedia dinheiro para o gerente para comprar terra, para plantar batatinha e o gerente dizia, mas você não tem garantia de nada e aí eu ficava muito triste. Foi, foi, foi e eu consegui. Meu patrão me ensinou bem que quando você precisava financiar algo você deveria perguntar sobre a casa do gerente e levar uns 2 kg de batatinhas bem bonitas e dar para esposa dele. E foi o que eu fiz, levei batatinha e pimentão que estava plantando. Esse produto que eu fiz, eu trouxe para a senhora, e a moça "qual é o seu nome?" e falei meu nome completo. Tinha certeza que ia falar para o marido "veio um japonês que não sabia nem falar e trouxe isso". Eu levei mais algumas vezes, e o gerente disse "você tá louco" e eu respondi que não estava, só queria trabalhar. Me arruma

um dinheiro pra eu poder trabalhar, e o gerente insistia que eu não tinha garantia, que não tinha nada. Mas, conversa vai e vem, eu levando batatinha, até que ele concordou em financiar metade e foi assim que tudo começou (Tomonaga, 2020).

A partir desse primeiro pedaço de terra, Akito foi conquistando mais, ao ponto da sua produção de grãos, assim como seus silos, serem maiores que os da sua terra natal. Ele sonhava com 10 alqueires. No final da década de 1970 já estava com 100. Mas o melhor de tudo isso, de acordo com ele, foi poder retornar ao Japão e reencontrar seus pais e irmãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A bomba atômica é uma arma de saturação. Destrói de forma completa uma área tão grande que as defesas são destroçadas. Isso fez dos ataques a Hiroshima e Nagasaki um dos piores momentos da Segunda Guerra Mundial. Os efeitos materiais e psicológicos de quem é atacado por uma arma desse poder são desastrosos. Deixam marcas que ficam presentes na vida, no corpo e na reconstrução memorialística, tanto dos indivíduos quanto da nação. A análise de relatos como o de Akito Tomonaga é fundamental para compreender a reconstrução do país, a maneira como a população aceitou a rendição e o papel do Imperador nesse processo. Não objetivando condenar algumas ações e enaltecer outras, e sim entender os modos como tais acontecimentos foram entendidos pelas pessoas comuns. Lembrando que essa compreensão pode ter passado (e passou) por uma série de reformulações, de acordo com o desenrolar da vida de cada indivíduo. Neste texto, além de analisar a participação, rendição e reconstrução do Japão a partir das memórias de Akito Tomonaga, também se fez necessário compreender o processo de imigração japonesa no Brasil, uma vez que o depoente fez parte desse grupo de imigrantes e mora no país até os dias atuais. Por fim, mesmo sabendo da possibilidade de os imigrantes procurarem valorizar as conquistas pessoais e materiais, apesar de todo sofrimento e dificuldades enfrentadas, a intenção nunca foi romantizar esse processo, e sim respeitar a trajetória e a memória do depoente como fonte histórica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, Sandra Cecília Rosendo de. **Imigração japonesa e identidade nacional**. 2004. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004. 49 f.

CARDOSO, Mauricio. **RINKICHI: uma história da imigração japonesa**. 2. ed. São Paulo: Amanuense, 2019.

CARVALHO, Cícero Péricles. **Regulação do sistema agroalimentar japonês**. Estudos Sociedade e agricultura. 13, outubro 1999: 93-118. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/162/158>. Acesso em: 17 out. 2024.

FERRAZ, Francisco César Alves. **CONSIDERAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: balanço da produção bibliográfica e suas tendências**. Revista Esboços, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 207-232, jul. 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FIGUEIREDO, Antônio Marcus Lima. **LUTAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: violência, samurais e bushido em Akira Kurosawa**. 2019. 206 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais 1990.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Konoe Fumimaro**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Konoe-Fumimaro>. Acesso em: 17 out. de 2024.

_____. **Hirohito.** Disponível em:
<https://www.britannica.com/technology/Hirohito>. Acesso em: 17 out. 2024.

IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da Memória.** Narrativas da pós-Guerra na cultura japonesa. São Paulo: Annablume, 2011.

ICHIKAWA, Elisa; SANTOS, Lucy dos. **VOZES DA HISTÓRIA: contribuições da História Oral à pesquisa organizacional.** In: Encontro Nacional da Associação dos Programas de Pós-graduação em Administração. Atibaia: ANPAD, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MACIEL, Maria Eunice. **Identidade Cultural e Alimentação.** In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. **ANTROPOLOGIA E NUTRIÇÃO: Um Diálogo Possível.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Contexto, 2010.

MELLO, Valéria Maria Sampaio. **PÓS-SEGUNDA GUERRA – Japão e Brasil na contramão?** ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003.

NAKAGAWA, Cristiane Izumi. **HIROSHIMA: a catástrofe atômica e suas testemunhas.** 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-06112014-155200/>. Acesso em: 17 out. 2024.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses.** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

_____. **IMIGRAÇÃO TUTELADA: os japoneses no Brasil.** 2000. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. 191 f.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **NARRAR O TRAUMA - a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008. p. 65-82.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 17 out. 2024.

_____. **Testemunho da Shoah e literatura**. In: X Jornada Interdisciplinar Sobre o Ensino da História do Holocausto, 2009, São Paulo: Palestra.

UENO, Luana Martina Magalhães. **A narrativa sobre a imigração japonesa em autobiografias (1980-1988)**. HON NO MUSHI – Estudos Multidisciplinares Japoneses, volume 5, número 9, 2020. P. 13-34.

VEIGA, José Eli da. **Fundamentos do agro-reformismo**. Questão Agrária, Hoje. Lua Nova (23). Mar 1991. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ln/a/nczZjwtnN55DgGTjz8ySzZM/>. Acesso em: 17 out. 2024.

TANAKA, Aline Midori de Moraes. **IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO JAPONESA NO BRASIL - um resumo**. Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito – PPGDir./UFRGS, Porto Alegre, jul. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ppgdir/article/view/48590/30245>. Acesso em: 17 out. 2024.

THOMSON, Alistair. **RECOMPONDO A MEMÓRIA: Questões sobre a relação entre a História Oral e a memória**. Projeto História. São Paulo, PUC-SP, N.15, abril 1997.

Fontes

Diário de Tomonaga, 1955.

Entrevistas com Tomonaga.